

ANÁLISE DA DIVERSIDADE SEXUAL E DA PARTICIPAÇÃO EM COLETIVOS DE FUTEBOL ENTRE HOMENS NO BRASIL: PERCEPÇÕES A PARTIR DA OPINIÃO DE ATLETAS E TORCEDORES LGBTQIAPN+

ANALYSIS OF SEXUAL DIVERSITY AND PARTICIPATION IN FOOTBALL COLLECTIVES AMONG MEN IN BRAZIL: PERCEPTIONS BASED ON THE OPINIONS OF LGBTQIAPN+ ATHLETES AND SUPPORTERS

JOSÉ ARDONIO DE ARAUJO SILVA¹

RESUMO

Mesmo ainda sendo um espaço predominantemente masculino, o futebol na perspectiva LGBTQIAPN+ é hoje uma realidade. O estudo apresenta como objetivo geral analisar a diversidade sexual e a participação em coletivos de futebol no Brasil. Em termos metodológicos, é um estudo bibliográfico, exploratório, de natureza mista, o qual contou com a colaboração de 18 respondentes que participam de times de futebol LGBTQIAPN+. Os resultados demonstram que os respondentes na sua maioria se sentem acolhidos nos clubes dos quais participam. O time com maior torcida e adesão nas respostas foi o Real Centro Esporte Clube. Os respondentes afirmaram a participação semanal em seus respectivos clubes, sendo que para a maioria dos participantes isso acontece já há mais de 2 anos. Os atletas sentem-se acolhidos em seus clubes, mas reivindicam maiores ações do Estado no que tange ao fomento a projetos voltados ao futebol voltado ao público LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Futebol; Preconceitos; LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

Although still a predominantly male environment, football from the LGBTQIAPN+ perspective is now a growing reality. This study aims to analyze sexual diversity and participation in football collectives in Brazil. Methodologically, it is a bibliographic and exploratory study with a mixed approach, involving 18 respondents who participate in LGBTQIAPN+ football teams. The results show that the majority of respondents feel welcomed in the clubs they are part of. The team with the highest number of fans and responses was Real Centro Esporte Clube. Participants reported weekly involvement with their respective teams, and most have been engaged for over two years. While athletes feel welcomed in their clubs, they also call for more governmental support for initiatives focused on LGBTQIAPN+ football.

Keywords: Football; Prejudice; LGBTQIAPN+.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), tendo desenvolvido sua pesquisa com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Anteriormente, graduou-se em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Facitec em 2009. Sua trajetória profissional inclui a atuação como professor de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino de Lençóis Paulista (SP), além de engajamento voluntário em diversos projetos focados em educação e comunicação social. Atualmente, é membro ativo do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais (ComMov).

Introdução

Mesmo com o preconceito recalcitrante, a comunidade LGBTQIAPN+ vem marcando presença em segmentos de atuação que tradicionalmente se notabilizavam pela sua dinâmica heteronormativa (Pinto, 2017). Um destes ramos de atuação são os esportes coletivos, em especial, o futebol. Essa é uma realidade que abarca não apenas os clubes organizados em ligas voltadas especificamente para o público LGBTQIAPN+, bem como os torcedores destas equipes, tornando o futebol uma prática esportiva inclusiva, bem como um ato de resistência contra a homofobia (Abouid; Souza, 2025; Almeida, 2024; Nascimento; Montenegro; Costa, 2025; Silva Júnior, 2018).

Essa representatividade da comunidade LGBTQIA+ no futebol corrobora para a quebra de diversos paradigmas conexos a uma visão antiquada e pouco propensa a aceitar o fato de a sociedade hodierna ser mais plural e diversa (Camargo, 2024). Dentre as situações que são suplantadas com a existência de clubes gays de futebol, há o enfrentamento do pensar errôneo de que futebol é lugar apenas para homens, sendo esse um ponto de vista homofóbico (Pinto, 2017). Além disso, com os clubes de futebol voltados a uma dimensão conexa com a comunidade LGBTQIAPN+, tem-se aí uma realidade onde as subjetivações gays são respeitadas, o que faz com que estes clubes sejam um local de pertencimento, o que nem sempre é vivenciado por pessoas LGBTQIAPN+, as quais convivem com preconceitos e visões deturpadas sobre sua existência, pois são também sujeitos detentores de direitos (Castro, 2020).

Cumprir mencionar que à luz do que é apregoado pela Carta Magna (Brasil, 1988), todo cidadão tem direito ao lazer, situação essa que pode ser usufruída por meio de práticas esportivas. Assim, o futebol voltado ao público LGBTQIA+ mostra-se não somente como um cenário onde a saúde e demais benefícios são promovidos, mas também abrange a inclusão destes cidadãos. Conforme Spizziri *et al.* (2022), 12% do contingente populacional nacional se enquadra numa destas situações: a) Assexual; b) Gay; c) Lésbica; d) Transsexual, e) Bissexual. Almeida (2024) complementa estes dados reiterando a necessidade de incluir estes sujeitos em práticas esportivas, sendo o futebol uma possibilidade para que isso aconteça, sendo isto visto também como um ato de resistência num esporte tradicionalmente heteronormativo (Pinto, 2017; Camargo, 2018; 2021).

O estudo apresenta como objetivo geral analisar a diversidade sexual e participação em coletivos de futebol entre homens no Brasil. Enfatiza-se que não apenas no futebol, mas em outras modalidades esportivas, sejam elas individuais ou coletivas, a presença de representantes da comunidade LGBTQIAPN+ está numa crescente (Camargo, 2018). Mas, nem sempre aos atletas gays é dada a oportunidade para a prática do futebol, como, por exemplo, nos espaços escolares, onde para as meninas ensina-se vôlei e para os homens futebol (Giardin, 2020).

Este estudo justifica-se por duas razões. A primeira delas possui fulcro teórico e visa não somente representar uma contribuição para o estado da arte sobre a participação de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, mas também chamar a atenção para a relevância deste fato. Conforme o que é preconizado pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas – ONU, um dos itens essenciais para o desenvolvimento sustentável sob a égide da inclusão e do respeito à diversidade é a igualdade de gênero, situação destacada no objetivo de número 5 desta referida agenda (Lavall; Olsson, 2019). Pontuar isso é necessário, pois os gays por vezes necessitam a duras penas conquistar seus respectivos espaços na sociedade, sendo, em alguns casos, vítimas de homofobia (Almeida; Soares, 2012).

A segunda razão que confirma a pertinência do estudo é de natureza prática. Visa, por meio de coleta de dados junto a um grupo de respondentes compreender os meandros tanto da diversidade sexual como também da participação em coletivos de futebol. Nesta perspectiva, a visão retrógrada sobre o futebol é aos poucos superada, pois tanto mulheres como pessoas LGBTQIAPN+ se fazem presentes neste estado, o que abarca não somente a atuação na condição de atletas, mas também nas torcidas organizadas (Pinto, 2017).

Diversidade sexual e participação em coletivos de futebol

É inegável a popularidade e o prestígio do futebol enquanto prática esportiva no contexto brasileiro. Entretanto, por vezes essa prática esportiva esteve associada à figura dos homens, sendo sinônimo de virilidade e masculinidade (Januário, 2015). Não à toa, há o fato de crianças que gostam de futebol e pleiteiam futuramente a prática deste esporte em nível profissional se espelharem em seus respectivos ídolos, sendo eles uma representação de sucesso, bem como das facilidades geradas por essa condição favorecida (Giglio, 2007).

Na atualidade, o futebol quanto a sua prática não é mais uma exclusividade do público masculino. Um dos exemplos deste contexto é o futebol feminino, onde a atleta Marta já é destaque internacional pela sua impressionante destreza e habilidade, além do reconhecimento como a melhor jogadora do mundo pela Fédération Internationale de Football Association – FIFA (Januário, 2015; 2017). Já no que se refere às pessoas LGBTQIAPN+, nota-se no contexto futebolístico duas situações, sendo a primeira delas o processo de *coming out*, expressão utilizada para se referir a saída de armário, termo utilizado quando uma pessoa se assume como LGBTQIAPN+ (Camargo, 2021).

Este é um processo que não se restringe ao futebol, refletindo-se em outras modalidades esportivas. Camargo (2018) utiliza como exemplo o que ocorreu na Alemanha entre os anos de 2009 e 2012, onde a primeira ministra Angela Merkel mostrou-se favorável ao fato de atletas optarem por assumirem a sua sexualidade, o que, inclusive, facilitaria o relacionamento destas pessoas com seus pares, seja no contexto esportivo, seja noutros campos de atuação. Entretanto, não são todos os países que demonstram uma postura mais tolerante com pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ no esporte. Isso é narrado por Camargo (2018), o qual menciona um fato ocorrido em 2011, numa partida de vôlei ocorrida em Contagem, município de Minas Gerais, onde um dos atletas que disputavam a partida era homossexual assumido e foi hostilizado por uma parte da torcida aos gritos de “Bicha!” e demais termos chulos e homofóbicos.

O futebol gay no Brasil é uma realidade, o que não se resume apenas aos limites do campo onde este esporte é praticado, mas também fora dele. Isso abrange a existência de torcidas formadas por pessoas do público LGBTQIAPN+. Isto é retratado pelo estudo feito por Pinto (2017), o qual cita as seguintes torcidas: a) Fla-Gay: torcida gay do Clube de Regatas Flamengo; b) Palmeiras Livre: torcida gay da Sociedade Esportiva Palmeiras; c) Galo Queer: torcida gay do Clube Atlético Mineiro; d) Bambi Tricolor: torcida gay do São Paulo Futebol Clube, e; e) Movimento Toda Poderosa Corinthians: torcedoras do Sport Club Corinthians Paulista.

A existência dessas torcidas representa a quebra de um paradigma, no qual há o discurso de que o futebol é um esporte viril, sendo, portanto, coisa de homem (Francini, 2005). Mas, o fato de times de grande público e apelo popular conforme mencionado por Pinto (2017) ser um fato de relevância incontestável, ainda assim pessoas LGBTQIAPN+ estão sujeitas a serem vítimas de homofobia (Almeida; Soares, 2012). O estudo feito por Bertencello (2020) vai mais além ao trazer o termo LGTFobia, explicando que este termo é de cunho mais inclusivo e serve para se referir a casos de intolerância ou de violência contra os representantes LGBTQIAPN+.

Há casos em que a violência contra pessoas LGBTQIAPN+ acaba sendo levada ao extremo, resultando em óbitos. Dados provenientes do Grupo Gay da Bahia de 2019 relatam sobre a morte de 329 gays, lésbicas, transgêneros e afins. O que se tem com esse quadro é uma sociedade que além de não demonstrar uma postura mais serena com relação a sujeitos LGBTQIAPN+, exterioriza o seu ódio contra este público, seja por meio de *bullying* e homofobia, seja por violência física (Bertencello, 2020; Pereira, 2024).

A figura de pessoas LGBTQIAPN+ no contexto do futebol aos poucos vai tornando-se mais frequente neste universo, apesar do preconceito recalcitrante e dos desafios a serem suplantados. Isso engloba o fato de haver homossexuais que gostariam de jogar futebol, inclusive profissionalmente, mas pela sua opção sexual são vetados por estarem fora do perfil de masculinidade exigido para a prática futebolística (Maia *et al.*, 2010). O estudo de Giardin (2020) ao mencionar sobre a necessidade da inclusão de alunos LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física menciona o fato de estes estudantes sentirem-se incomodados com determinadas modalidades, muito por conta dos comentários ofensivos e abusivos, como também por não se sentirem respeitados como pessoas no ambiente escolar.

É neste contexto que a existência de clubes de futebol LGBTQIAPN+, bem como ligas esportivas voltadas para este público mostra-se necessária e relevante, visando a sua inclusão neste universo e, por conseguinte, o alcance de bem-estar no plano físico e psicológico (Almeida, 2024). O desenvolvimento deste panorama favorece a participação de pessoas LGBTQIAPN+ quanto a prática do futebol, pois a interface entre estes clubes não somente representa uma oportunidade para o respeito às subjetividades humanas independentemente do seu gênero, bem como a inserção destes sujeitos na conjuntura social hodierna (Jesus, 2018).

Além disso, a presença de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol faz-se necessária para que situações por vezes cristalizadas e embasadas no preconceito e na intolerância sejam gradualmente dissipadas. Uma delas diz respeito a discriminação contra os homossexuais no futebol, o que, por vezes, não é algo absoluto, mas alimentado sob a égide de que futebol é um esporte exclusivo para homens (Castro, 2020). Acontece que as pessoas LGBTQIAPN+ possuem tanto o direito de jogarem futebol como também de participarem de torcidas, inclusive organizando-se em segmentos específicos, conforme demonstrado pela pesquisa de Pinto (2017).

A existência de clubes de futebol voltados para gays, lésbicas e afins representa a oportunidade para que esse público se sinta contemplado e acolhido para a prática deste esporte, numa dimensão sem preconceitos ou LGTBfobia (Bertencello, 2020). Ao descrever sobre a relevância destes clubes de futebol na perspectiva LGBTQIAPN+, o estudo feito por Camargo (2024) explana que isso pode ser visto como a criação de um cenário alternativo, já que, em regra, os gays são rejeitados no contexto futebolístico. Ainda segundo Camargo (2024), os clubes de

futebol LGBTQIAPN+ permitem a convivência pacífica entre pessoas que comungam da mesma visão de mundo, sendo a inclusão destes indivíduos favorecida pela coexistência sadia entre eles corroborada pela prática futebolística.

Soma-se a isso a questão do enfrentamento e da resistência dos gays no contexto do futebol. Conforme explanado por Castro (2020), o que vem acontecendo neste sentido é a subversão das ofensas de trato homofóbico, de maneira que a linguagem destinada ao público LGBTQIAPN+ é ressignificada, adotando-se o bom humor, mas sem apelações ou discursos retrógrados. Bertinello (2020) complementa este pensar ao dizer que os gays no futebol costumeiramente são vistos sob a égide do folclore e do linguajar impróprio para se referir a estas pessoas no mundo do futebol, o qual ainda é permeado por preconceitos (Bandeira; Seffner, 2013).

Além disso, há de se mencionar também a questão da visibilidade que o público LGBTQIAPN+ passa a ter no que se refere a sua participação em coletivos de futebol. Conforme o que é explanado por Castro (2020), a existência de pessoas LGBTQIAPN+ na cena futebolística ainda é um tabu a ser quebrado, o que, por vezes, é tratado com silenciamento das vozes destes sujeitos. É por essa razão que Deive (2005, p.64) ao descrever o que é esporte, chama a atenção para a necessidade da humanização, conforme se pode ler a seguir:

O mundo esportivo é uma arena importante para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física, valores estes que precisam ser modificados e soltos das amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas, delimitando, de antemão, os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam aos milhares, todos os dias, nos clubes, centros de treinamento, academias e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas.

Conforme corretamente apontado por Giardin (2020), o mundo atual não se resume a homens e mulheres, havendo também outros públicos que merecem ter seus direitos devidamente reconhecidos e respeitados. Almeida e Soares (2012) chamam a atenção para o impacto que o ato de assumir a sexualidade traz para os indivíduos, o que pode resultar no insurgir de preconceitos contra pessoas LGBTQIAPN+. Neste sentido, a existência de clubes de futebol e ligas esportivas voltadas para um enfoque mais plural e diverso de mundo é um tópico positivo a ser destacado, sendo esse panorama essencial para a inclusão das pessoas LGBTQIAPN+ na sociedade contemporânea (Castro, 2020; Pinto, 2017).

Além disso, Almeida e Soares (2012) destacam a questão da coragem que as pessoas LGBTQIAPN+ demonstram ao assumirem sua sexualidade, pois isto foge do padrão definido pelo binômio menino-menina. Pinto (2017) ao analisar sobre a participação de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, mais especificamente nas torcidas organizadas, relata que não somente este público, mas também a presença das mulheres no futebol representa uma condição *sine qua non* para que se quebre o padrão masculinizado que por séculos perdurou nos meandros futebolísticos (Abouid; Souza, 2025).

Além disso, faz-se necessário haver por parte da sociedade maior reconhecimento dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+, o que, inevitavelmente, abarca a questão da divulgação do futebol nessa dimensão mais pluralista (Camargo, 2018; 2021). Conforme Silva *et al.* (2022), a participação de atletas LGBTQIAPN+ em modalidades esportivas passa por vezes desperce-

bida do grande público, o que somado com a falta de apoio do Estado no que tange a inclusão destas pessoas evidencia o cenário desafiador enfrentado por atletas gays, seja no futebol, seja em outros esportes.

Metodologia

Um dos esteios de sustentação do estudo é a pesquisa do tipo bibliográfica. Gil (2022) relata que esse tipo de estudo consiste na consulta junto a livros, artigos, dissertações e demais materiais considerados como pertinentes para a fundamentação de uma dada construção textual. Além disso, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória. Vergara (2016) diz que nesse tipo de estudo se caracteriza pela necessidade percebida pelo pesquisador em gerar mais conhecimentos sobre um determinado estudo, o que, por conseguinte, gera resultados mais aprofundados sobre a temática em questão.

No que se refere a sua natureza, o estudo é do tipo misto, pois abrange quanto aos seus resultados tanto aspectos quantitativos como também qualitativos (Oliveira, 2019). Zanella (2013) diz que as pesquisas quantitativas se notabilizam pela apresentação de seus dados de forma numérica, geralmente em quadros, tabelas ou gráficos. Por sua vez, Minayo (2015) narra que as pesquisas qualitativas são aquelas em que é dado o enfoque com relação a realidade social na qual os fenômenos estudados acontecem. Em complemento a estas falas, o estudo de Ferreira (2015) explica que a opção do pesquisador pela dimensão qualitativa em seus estudos tem a ver não somente com a questão do método adotado para a consecução dos objetivos de pesquisa, mas também pelo caráter complexo que é afeto ao contexto social observado à luz dos estudos científicos.

O público consultado é formado por 18 respondentes, os quais são praticantes de coletivos de futebol voltados para a comunidade LGBTQIA+. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário on-line, por meio do recurso conhecido como *Google Forms*. Mota (2019) diz que esse recurso é favorável, pois dispensa a necessidade do encontro presencial entre o pesquisador e os respondentes. Por sua vez, Prodanov e Freitas (2013) alertam para a necessidade da assertividade na formulação de questionários, com vistas a evitar a possibilidade de interpretações dúbias dos respondentes quanto aos assuntos a eles indagados.

A pesquisa buscou entender a experiência desses indivíduos em relação à diversidade sexual e à participação em atividades esportivas coletivas, com ênfase para o futebol. A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2024. Inicialmente, pleiteou-se alcançar um número maior de respondentes, mas dentre as 30 pessoas prospectadas, foi possível obter um total de 18 respostas ao questionário criado para esta pesquisa.

Resultados

No decurso da prática investigativa, foi possível coletar os dados que estão exibidos na Tabela 1 abaixo em destaque.

Tabela 1: Resultados – respostas dos questionários

Participante	Coletivo	Duração de Participação	Frequência de Participação	Acolhimento
Sim	Real Centro	Mais de 2 anos	Ocasionalmente	Sim
Sim	Futebol gay, Real Centro	Mais de 2 anos	Semanalmente	Sim
Sim	TABOA EC	6 meses a 1 ano	Semanalmente	Sim
Sim	TABOA E.C.	Mais de 2 anos	Semanalmente	Sim
Sim	Taboa	6 meses a 1 ano	Semanalmente	Sim
Sim	Real Centro	Mais de 2 anos	Raramente	Sim
Sim	REAL CENTRO	1 ano a 2 anos	Mensalmente	Às vezes
Sim	Futebol	Mais de 2 anos	Semanalmente	Sim
Não	Apenas torço para o Real	1 ano a 2 anos	Raramente	Sim
Sim	Taboa	Menos de 6 meses	Ocasionalmente	Sim
Sim	Real Centro	Mais de 2 anos	Mensalmente	Sim
Sim	Oxente	Mais de 2 anos	Semanalmente	Sim
Não	Real	1 ano a 2 anos	Raramente	Sim
Sim	Thunder Cats	6 meses a 1 ano	Semanalmente	Sim
Sim	Real Centro Esporte Clube	Mais de 2 anos	Semanalmente	Sim
Não	Futebol	Menos de 6 meses	Raramente	Sim
Não	Nenhum	Menos de 6 meses	Ocasionalmente	Sim
Sim	Real Centro	Mais de 2 anos	Ocasionalmente	Sim

Fonte: Dados oriundos da prática investigativa (2024).

O primeiro tópico abordado junto aos respondentes foi com relação a participação deles em esportes coletivos, em especial, o futebol. Dentre as pessoas consultadas, 14 delas atenderam a este tópico com a resposta “Sim”, enquanto os demais 4 indivíduos exteriorizaram a resposta “Não”. Este é um resultado relevante, uma vez que conforme Connel e Messerschmidt (2013), há determinados espaços na sociedade onde há a predominância masculina quanto a sua respectiva participação. Isso faz com que a ideia de que futebol é apenas para ser praticado por homens conforme Francini (2005), ou ainda, que o futebol jogado por mulheres é inferior ao futebol masculino em conformidade com o pensar presente em Januário (2015; 2017) seja ainda recalcitrante nos dias atuais.

Por sua vez, Silva Júnior (2018) diz que a lógica heteronormativa no futebol vem gradualmente dando lugar a uma visão mais pluralista, sendo o futebol um local de pertencimento, não somente para atletas, mas também para os torcedores de times de futebol (Nascimento; Montenegro;

Costa, 2025). Nesta perspectiva, sob a égide da diversidade, a prática futebolística sob a égide LFBTQIAPN+ representa não somente algo que faz bem a seus respectivos atletas do ponto de vista físico ou psicológico, mas também engloba a resistência e a defesa da pluralidade na sociedade hodierna (Silva, 2014).

A segunda situação trabalhada junto aos respondentes do estudo foi com relação ao clube onde eles praticam o futebol. Neste sentido, a resposta que mais se mostrou prevacente foi Real Centro ou Real Centro Esporte Clube (Camargo, 2024), o qual contou com 9 adesões no agrupamento das respostas. Convém dizer que numa destas 9 respostas o partícipe mencionou torcer para o Real Centro Esporte Clube. A segunda resposta mais predominante foi referente ao Taboa Esporte Clube (Camargo, 2021), sendo mencionado por 4 respondentes.

A existência destes clubes de futebol é muito importante, pois representam espaços de inclusão e de pertencimento da comunidade gay num espaço maioritariamente heteronormativo (Silva Júnior, 2018). Soma-se a isso a questão das ligas de futebol focalizadas numa dimensão mais diversa de sociedade, como é o caso da LiGay, Liga Nacional de Futebol Society do Brasil (Jesus, 2018). Esta perspectiva mais pluralista com relação ao futebol abrange não somente os clubes, mas também as torcidas, pois conforme o que é relatado por Pinto (2017) a existência destes grupos organizados é necessária para suplantar o caráter hostil do futebol no que se refere a participação de pessoas LGBTQIAPN+, superando-se assim uma cultura futebolística deveras masculinizada (Castro, 2020).

Na sequência do estudo, o próximo item averiguado junto aos respondentes foi com relação ao tempo de participação no que se refere a prática do futebol coletivo numa perspectiva LFBTQIAPN+. A resposta que mais obteve adesão junto aos respondentes foi mais de 2 anos, sendo isso exteriorizado por mais de 9 dos respondentes consultados. Este é um resultado relevante, pois conforme Almeida (2024), o esporte representa um espaço útil não somente para o fomento à inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ mas também para promover os benefícios que são alusivos às práticas esportivas, tais como o bem-estar físico e psicológico de seus respectivos praticantes (Cid; Silva; Alves, 2007).

Além disso, reitera-se o aspecto recreativo do futebol enquanto esporte, o que é um dos direitos básicos a serem usufruídos pelos cidadãos, conforme o que é positivado na Carta Magna (Brasil, 1988). Assim, por meio da prática do futebol, a comunidade LGBTQIA+ pode exercer o seu respectivo direito ao lazer, numa dimensão mais pluralista de sociedade, o que se mostra congruente com o ODS 5 – Igualdade de Gênero, sem haver margem para preconceitos ou homofobia (Camargo, 2024; Lavall; Olsson, 2019).

Outra situação vista junto aos partícipes do estudo diz respeito a frequência de participação deles com relação a prática do futebol LFBTQIAPN+. Dentre os relatos coletados, a resposta que mais se mostrou frequente foi “Semanalmente”, com 8 adesões. Essa regularidade no que se refere a prática esportiva não somente reafirma as benesses físicas e psicológicas a ela correlatas (Almeida, 2024), bem como a consolidação do futebol como um espaço de inclusão, corroborando assim para a redução das desigualdades contra a comunidade LGBTQIAPN+.

A penúltima situação trabalhada junto aos respondentes diz respeito ao fato de eles sentirem-se ou não acolhidos no que tange a prática do futebol na perspectiva LFBTQIAPN+. Dentre os 18 respondentes consultados, 17 deles afirmaram que se sentem acolhidos em seus respectivos espaços esportivos. Enfatiza-se o fato de o futebol ser um esporte coletivo, o que

pressupõe no que tange a sua prática o desenvolver de situações pertinentes ao trabalho em equipe e a cooperação (Silva *et al.*, 2025).

Conforme o que é relatado por Giardin (2020), em aulas de Educação Física onde o futebol é praticado, alunos héteros não somente se mostram reticentes em terem jogadores gays em seu time, como também boicotam esses estudantes, não passando a bola para eles durante a partida. Castro (2020) diz que a presença da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol representa não somente um ato de resistência, mas também a quebra de paradigmas onde a figura dos gays é por vezes vista sob um olhar de preconceito (Silva Júnior, 2018).

A última situação vista junto ao público consultado engloba sugestões para a melhoria da prática do futebol pela comunidade LGBTQIAPN+. Os atletas destacam sobre a necessidade de mais apoio governamental e iniciativas que promovam a comunicação e o fortalecimento das relações sociais após as atividades. Isso demanda a existência de políticas públicas, as quais segundo Rua (2014) são representadas por ações e projetos do Estado, com vistas a melhorar aspectos deficitários de uma determinada comunidade. A implementação de programas de apoio e financiamento pode ser crucial para a sustentabilidade e expansão desses coletivos, garantindo que continuem a servir como espaços de inclusão para a comunidade LGBTQIAPN+ no futebol (Almeida, 2024; Castro, 2020; Pinto, 2017).

Considerações Finais

O estudo apresentou como objetivo geral analisar a diversidade sexual e participação em coletivos de futebol entre homens no Brasil. A prática investigativa permitiu constatar que a presença de pessoas LGBTQIAPN+ vem se tornando mais frequente, não apenas no futebol, mas também em outras modalidades esportivas. Ainda que o universo futebolístico seja em sua predominância masculino, a existência de ligas esportivas e clubes de futebol voltados para o público LGBTQIAPN+ representa um relevante avanço no que se refere a inserção social destes sujeitos por meio da prática futebolística, ainda que de forma segmentada.

Esta vertente mais plural do futebol mostra-se positiva em diversos aspectos. Além da questão da inclusão das pessoas LGBTQIAPN+, há o destaque para os benefícios que são conexos com as práticas esportivas, as quais englobam ganhos na saúde física e psicológica de seus respectivos praticantes, numa dimensão favorável à sua respectiva qualidade de vida. Há também a questão do futebol como um espaço de resistência para pessoas que historicamente nunca foram aceitas, nem nos campos, nem nas arquibancadas dos estádios de futebol. Torcidas que são voltadas para o público LGBTQIAPN+, bem como clubes de futebol atuantes nessa dimensão mais plural, são fundamentais para a consolidação de uma sociedade menos injusta para com esses indivíduos, os quais são sujeitos de direitos. Preconceitos e homofobia, tão comuns na realidade vivenciada por pessoas LGBTQIAPN+.

Referências

- ABOUID, P.O.; SOUZA, I.T.; Marias de Minas e Cruzeiro: dinâmicas de enfrentamento das LGBTQIAP+ fobias no futebol a partir do Instagram. **Dispositiva**, v.14, n.25, p. 1 – 16, 2025.
- ALMEIDA, N.L.A. A importância das políticas inclusivas no esporte para a comunidade LGBTQIAP+ no Brasil. **Revista COR LGBTQIAP+**, v.1, n.7, p. 48 – 62, 2024.
- ALMEIDA, M.B.; SOARES, A.S. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, v.18, n.1, p. 301 – 321, 2012.
- BANDEIRA, G.A.; SEFFNER, F. Masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v.14, n.29, p. 246 – 270, 2013.
- BERTONCELLO, S.D. O futebol enquanto espaço para combate a LGTBfobia: uma análise do discurso das campanhas do E.C. Bahia. In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...Evento Virtual**, 1 a 10 de dezembro de 2020.
- BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CAMARGO, W.X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, v.26, n.1, p. 1 – 18, 2018.
- CAMARGO, W.X. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society em espaços de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, v.29, n.2, p. 1 – 13, 2021.
- CAMARGO, W.X. **Futebóis em movimento: sexualidades, subjetividades e tensionamentos no circuito esportivo da Champions Ligay**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de São Carlos, Campinas, 2024.
- CASTRO, G.H.C. **Levando a homofobia e a heteronormatividade na esportiva: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- CID, L.; SILVA, C.; ALVES, J. Atividade física e bem-estar psicológico – perfil dos participantes no programa de exercício e saúde de rio maior. **Motricidade**, v.3, n.2, p. 47 – 55, 2007.
- CONNEL, R.W.; MESSERSCHIMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v.21, n.1, p. 241 – 282, 2013.
- DEVIDE, F.P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. 1 ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FRANCINI, F. "Futebol é coisa de macho." **Revista Brasileira de História**, v.25, n.50, p. 315 – 328, 2005.
- GIARDIN, A.R. **A importância das aulas de Educação Física na concepção do corpo e inclusão de alunos LGBT no contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- GIGLIO, S.S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- JANUÁRIO, S.B. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...**Rio de Janeiro, 2015.
- JANUÁRIO, S.B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA**, v.2, n.1, p. 28 – 43, 2017.
- JESUS, D.S.V. "Futebol é coisa para mano, mana e mona?" A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil. **Periódicus**, v.1, n.10, p. 327 – 342, 2018.
- LAVALL, T.P.; OLSSOM, G. Governança global e o desenvolvimento na sua pluridimensionalidade: um olhar sobre a Agenda 2030 das Nações Unidas. **Direito e Desenvolvimento**, v.10, n.1, p. 51 – 64, 2019.
- MAIA, W. *et al.* Homofobia no futebol: questões e reflexões. **EFDesportes.com Revista Digital**, v.15, n.146, p. 1 – 3, 2010.
- MINAYO, M, C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

- MOTA, J.S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v.6, n.12, p. 371 – 373, 2019.
- NASCIMENTO, A.A.; MONTENEGRO, G.M.; COSTA, M.K.F. Lazer e as populações LGBTQIA+: um estudo sobre a produção de conhecimentos. **Communitas**, v.9, n.21, p. 1 – 19, 2025.
- OLIVEIRA, E.S. **Criação de um portfólio de cursos de extensão para o Campus Itaituba da Universidade Federal do Oeste do Pará**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2019.
- PEREIRA, P.A. Esportes e relações de gênero e sexualidade em Heartstopper: atuação de imagens de controle e movimento de autodefinição. **Revista Dispositiva**, v.13, n.23, p. 167 – 181, 2024.
- PINTO, M.R. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho científico. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2013.
- RUA, M.G. **Políticas públicas**. 3 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração da UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2014.
- SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SILVA JÚNIOR, J.A. **Pedagogia do armário**: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SILVA, A.L. *et al.* Esportes coletivos e cultura corporal: impactos na aprendizagem e no desenvolvimento motor. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v.7, n.1, p. 1 – 12, 2025.
- SPIZZIRI, G. *et al.* Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. **Scientific Reports**, v.12, n. 1176, p.1 – 8, 2022.
- VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 16 ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- ZANELLA, L.C.H. **Metodologia de pesquisa**. 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração da UFSC, 2013.